

proletários de todos os países: Uni-vos!

O MARINHEIRO VERMELHO

PORTA-VOZ DA O. R. A. — SECÇÃO MILITAR DO PARTIDO COMUNISTA NA MARINHA DE GUERRA

Face a nova guerra

A armada revolucionária e anti-fascista

Ação dos marinheiros

Lutara, sobre duas frentes, pelo Governo Operario e Camponex!

Os capitalistas nacionais e a pandilha fascista que os serve, preparam a guerra «a todo o vapor».

A crise geral do país recebeu uma nova aceleração desde o ultimo ano e as medidas postas em prática pelo salazarismo, não fizeram senão empurrar Portugal para a beira do abismo. Todo esse *edifício* de consórcios, de cartéis e de federações agrícolas, levantado pelo «Estado Novo», produziu os seus frutos, após uns escasos mezes de existencia. Se a crise era já o resultado do extraordinário empobrecimento das massas, a organização «mais selecta» dos capitalistas e dos grandes lavradores, em potentes unidades económicas de comdate, só conduziu a uma nova e grande redução da capacidade de consumo das camadas populares e ao agravamento da exploração do proletariado e dos camponeses pobres.

O resultado da nova situação é esta, em poucas palavras:

Portugal capitalista depende agora muito mais dos mercados exteriores. Esses mercados difficilmente podem ser conquistados ás boas. As massas trabalhadoras já pou o mais podem suportar as reduções de salários e alargamento da jornada, para efeito da concorrência portugueza.

A burguezia nacional tornou-se mais dependente da Inglaterra. O auxilio inglez hade ser pago de qualquer modo.

O salazarismo *descozriu o melhor modo de pagar*. A supressão do imposto de «proteção á bandeira» representa a abertura de uma conta corrente.

Na Espanha persistem as lutas heroicas do proletariado e dos camponeses. O que se passa em Espanha e a luz vermelha do oriente soviético que, —apezar do vidro fôscio da censura, do Secretariado de Propaganda Nacional e da A. E. V., —irradia para todo o mundo, inlue consideravelmente sobre os explorados nacionais, das cidades e dos campos, —iluminá-lhes o caminho. Doutra lado intensificam-se

O «dezoito de janeiro» abriu novas prespectivas á revolução portugueza.

De Silves à Marinha Grande, pelo caminho de Almada e arredores, a luta desenrolou-se desde as formas de greves e manifestações de massas, até ao ensaio de uma primeira tentativa de insurreição proletariana. O movimento só foi entorpecido naqueles pontos, onde a tática anarquista ainda permanecia alojada em alguns sectores da nossa própria base. Al (Lisboa por exemplo) as massa desconheciam o dia marcado para a paralização.

O Secretariado do nosso partido soube navegar, com busul certa, contra a corrente do aventureirismo político.

As contradições entre o imperialismo inglez e norte-americano (Quem não sabe ler a castilha elaborada pelas recentes manobras navais, inglesas, do Atlântico?).

Neste emaranhado de contradições e antagonismos, Portugal capitalista aparece-nos como nova Polónia do Ocidente ao sorviço da reacção anglo-luz e como campo onde os capitalistas do país e do Reino Unido procuram «resolver», pela guerra, parte das rivalidades anglo-norte-americanas.

O mundo capitalista encontra-se no limiar da nova guerra. Nós, marinheiros portuguezes precisamos estar prontos. Para a guerra? Não!

Para impedir a guerra imperialista que se destina a nova partilha do mundo e a esmagar a revolução proletaria e camponexa!

Organizemo-nos enquanto é tempo!

Criemos comités de luta contra a guerra, nos próprios navios de guerra!

O nosso grito será:

Nem uma só unidade fora do Tejo para fazer a guerra!

A causa proletaria e camponexa é a nossa causa!

A União Soviética é tambem a nossa patria!

Dai o não termos caído num novo engano.

As medidas fascistas, postas em vigor nos começos deste ano, patentearam que o salazarismo já não pode governar apoiado, simplesmente, na força das espadas dos altos comandos e no poder das torturas bárbaras da Policia de Informações.

De setembro aos fins da abril p. p. demonstrou-se que a ideia do fascismo «totalitário» progride a passo de lêsma. O movimento contra o fascismo engrossa pelo contrário, ao mesmo tempo que o nosso partido alcança a maior idade politica. No dia dezassete de fevereiro, quatro mil trabalhadores vieram á rua em Setúbal. Os estudantes revolucionários conquistaram a sua legalidade de manifestação, já por duas vezes. Os efetivos comunistas alargam-se entre o proletariado dos ramos fundamentais e no seio dos trabalhadores agrícolas. Os sindicatos vermelhos reorganizam-se numa base ilegal. Nas fileiras militares conquistamos novas posições de agitação e organização. As prisões em massa, os espancamentos, a morte por «snicidio» e as condenações, a séculos, decretadas pelo salazarismo, só vieram provar que os explorados e oprimidos nacionais já dispõem dum Partido que se revigora de forças e de heroísmo, capaz de levar a revolução até ao fim, mesmo no ambiente do mais furibundo terror branco.

A palavra de ordem do «perigo vermelho, unico perigo» lançada pelo salazarismo, depois do dezoito de janeiro, longe de realizar a «união sagrada» entre as massas pequeno-burguezas e o fascismo, agrava as divisões da burguezia, ante o receio do naufrágio económico e politico, da barquinha do «Estado Novo».

O império do 28 de maio, que se instalou no poder sob a demagogia do «exército unido», dá uma nova expressão á luta de grupos, pela conquista da gamela do governo burguez, nos próprios quadros do man-

do militar.

Este campo reparte-se entre «salazaristas», «vicentistas», «ribeiristas», «rolões» e chefes «reviralhistas».

A tradição da «luta de galos» no país e a crença em «tudo o que vem á rede é peixe» promovem o ambiente de novas combinações politico-burguezas-hitleriano-luzitanas, com o fim de suplantar, por um golpe de audácia, a «italianada» salazarista.

Só a frente revolucionária dos operários e camponeses poderá levar a revolução portugueza a porto de salvamento.

A postos marinheiros revolucionarios e anti-fascistas!

Os «desaguizados» politicos entre os grupos fascistas e burguezes são o resultado da crise geral e da luta de classes e do desejo de cada um desses grupos, de iludirem, mais uma vez, o proletariado. *Reforcemos, pois, a luta de classes e a aliança operario-camponexa, sobre a base da defesa diaria dos nossos interesses concretos e imediatos, no campo da marinha de guerra!*

Por uma atnalisação geral de vencimentos, de harmonia com o agravamento do custo de vida e das decisões dos proprios marinheiros!

Oponhamos ao fascismo dos salazares, dos rolões, dos «salvadores do prestigio do exército e á crença na «liberdade que hade vir...» as nossas reivindicações economicas e politicas concretas!

Conselhos de navio, eleitos por toda a massa, para a defesa politica e militar das nossas reivindicações!

Sejamos nós proprios os obreiros da nossa liberdade no campo da marinha de guerra!

Defendamos os presos politicos e sociais, da morte e das masmorras salazaristas!

AQUI NÃO ENTRA O LÁPIS AZUL DA CENSURA!

As castas !

Mais nma proeza infame, dos homens de «sangue azul»:

A companheira de um dos nossos camaradas doentes, na enfermaria da Brigada do Alentejo, foi visitá-lo. Demorou-se um pouco mais e não pôde já apanhar a embarcação das dezassete horas. Como porém, pouco depois desta hora, saiu dali uma embarcação com a mulher do oficial de serviço, procurou, a companheira do nosso camarada, utilizar essa embarcação, visto que já mais nenhuma outra embarcação tinha para Lisboa, naquele dia. Simplesmente... não se lembrou da «distancia» que separa a mulher de um marinheiro da mulher de um oficial, da distancia que vai do sangue vermelho ao sangue azul...

O bilrete do oficial se encarregou de lhe avivar a memória recusando-lhe terminantemente a passagem:

—O quê? A mulher de um marinheiro na mesma embarcação em que viaja minha esposa? Tinha que ver! Não senhora, arranque-se como quiser mas nesta embarcação não vai!

A pobre mulher procurou explicar ao bruto que não só era já tarde para ir sózinha, a pé, até Cacilhas, como, mesmo, não tinha dinheiro para, ali, tomar o vapor.

—Pois não se demorasse! Não tem dinheiro? Vá pedir-lo ao seu marido!

E a embarcação largou, apenas com a mulher deste canalha, deixando ali especada, na praia, sem saber o que fazer, a infeliz companheira do nosso camarada!

Foi um camarada nosso que, já de noite, a foi acompanhar a Cacilhas, para que a mulher daquele miserável de sangue azul não fosse «maculada» com a companhia da mulher de um marinheiro!

Eis como os oficiais utilizam as embarcações pagas com o nosso dinheiro e com o suor dos nossos irmãos trabalhadores, pagas com os quinze por cento que nos roubaram ultimamente, com a «salvação pública», com o roubo de dois por cento nos salários dos operários e com o roubo descarado do «escudo» aos vendedores ambulantes!

Camaradas da Brigada de Marinheiros!

Ingressai na O.R.A., para por-mos termo a todo este roubo de infâmias!

Viva a Organização Revolucionária da Armada!

Viva o Partido Comunista!

NO PROXIMO NUMERO:

Um operario de Lisboa entre os nossos camaradas da BAZE NAVAL de Sepastopol.

O que reclama a marinha revolucionaria

Alguns agaloados, armados em «meninas ingénuas», perguntam-se:

—Mas afinal o que quer esta canalha dos marinheiros despeitados? Passarem eles a oficiais e fazer de nós marinheiros? Ocupar os nossos camarotes de luxo e fazer-nos ir para os seus ranchos?

É claro que nós não queremos isto. Eles bem sabem, mas rramam em ingénuos para espalhar confusão.

Não; o que nós queremos é mais simples e menos... absurdo.

Nós queremos, enquanto a marinha de guerra tiver que existir:

Ordenado, para todos, que nos permita viver, sem o luxo provocante da canalha agaloada, mas sem a miséria horrível que hoje nos aflige.

Comida igual, deixando de haver tres classes de refeitórios e bordo.

Alojamentos eguaes. O espaço que hoje é ocupado para luxo dos oficiais destinado ao conforto de toda a tripulação.

Não queremos passar todos a oficiais nem acabar com os oficiais; o que queremos é **tambem ser gente**; o que queremos é acabar com este estado de coisas em que os ofici-

ais teem o superfluo enquanto que nós não temos o necessário; e n que o oficial é consi-

o «senhor e nós uns escravos. «Mas isso é a quebra da disciplina, a desorganização da marinha de guerra!», dizem estes «ingenuos» agaloados.

Palavrões... a marinha de guerra, soviética e organizada precisamente a base dos principios por que lutamos e nem por isso está desorganizada e indisciplinada; pelo contrário, possui uma disciplina e organização incomparavelmente superiores ás de qualquer marinha de guerra capitalista e a

que, nenhuma destas, poderá, sequer, aspirar.

O que isto será, sabemos-lo bem, é a «indisciplina e desorganização da marinha de guerra capitalista». Mas precisamente por isto, **precisamente porque sabemos que o sistema capitalista é incompatível com a nossa dignidade de homens e com a satisfação das nossas necessidades** é que trabalhamos, juntamente com os nossos irmãos—os operários e camponeses, para o derrubar, seguindo o exemplo dos nossos camaradas da UNIÃO SOVIÉTICA...

tambem elas !

Vem muito a propósito contar aqui nas colunas de «O Marinheiro Vermelho», porta-voz da massa revolucionaria da Armada, uma historiazinha que sob o nosso espanto e indignação, vimos desenrolar no Arsenal de Marinha.

Em certo Domingo, enquanto aguardavam embarcação que os transporta-se ás unidades respectivas, cavaqueávam despreocupados alguns marinheiros. Inesperadamente surge uma menina de passos cur-

tos e maneiras provocantes que chamou automaticamente a atenção do grupo. Todos olharam, como é habito antigo dos portugueses quando por eles passa uma fêmea, tendo a referida menina demonstrado pela fisionomia carrapuda que tomou, relativa indisposição cujas consequências alguém deveria aofrer. Avança mais alguns passos e pelo simples facto dum dos marinheiros a ter seguido com a vista, chama um sargento que também estaciona a distancia e ordena-lhe com certa altivez:

«Tire o numero áquele soldado da Sagres. O bom do nosso homem não esita um momento sequer e como simples laccio cumpre a ordem dum mulher, esquecendo-se mesmo de indagar os motivos que levavam a proceder assim.

O marinheiro atingido procura uma explicação e, quando cheio de correcção se dirigia á vibora tratando-a por menina, ela riposta imediatamente:

Menina não... Senhora, sou esposa dum Snr. Oficial de Marinha.

Neste intervalo diversas embarcações largam e eu fico só, na ponte do Arsenal, mais revoltado do que nunca.

Do marinheiro nem mais tive noticias, desconhecendo portanto se foi ou não castigado; quanto á Messalina choguei a apurar que é amante dum oficial de marinha e que não é a primeira vez que dá provas em publico da sua esmerada educação.

Camaradas:

A postos contra os assassinos!

Avante pela organização dos nossos comités de defeza, a bordo!

Reforcemos a O.R.A.!

Recuzemo-nos a morrer, como carneiros, para rervir as criminosas experiencias dos almirantes!

A bordo do navio escola A Sagres

A bordo da «Sagres» vem de produzir-se um acidente que custou a vida, a um nosso camarada marinheiro.

A versão oficial classifica este acidente de «desastre». As nossas informações permitem-nos classificá-lo como mais crime do terrorismo (a canalha agaloada chama-lhe disciplina) que reina a bordo.

Eis as condições em que se desenrolou o «desastre»:

José Eleuterio dos Santos, vinte anos, grumete de manobras, era um filho extremo, unico amparo da mãe e irmão sinhos, e um excelente camarada. Mas numa revista, passada por um oficial sem excrupulos, ficou detido pelo simples facto de calçar sapatos em vez de botas. Trabalhava na ponta de um mastro, quando o foram chamar para ir á presença do oficial que o devia julgar pelo «tremendo crime» de trazer sapatos em vez de botas. O nervosismo, resultante da injustiça do castigo que o esperava, fez o «desastre» e o nosso infeliz camarada, ao descer, numa manobra precipitada, perdeu o equilibrio e veio estatelar-se no convez, onde a moite o esperava de braços abertos!

Pergunta-se: É licito falar apenas num simples desastre? Não ha aqui um crime odioso da canalha agaloada em que se apoia a dictadura?

Ha, evidentemente!

Camaradas; estes são os crimes que ficarão impunes se nós próprios não fazemos justiça por nossas mãos!

Que é preciso para isso?

REFORÇAR A O.R.A.!

E, com ela, aliados aos operários e camponeses faremos chegar a hora da NOSSA justiça!

A morte nas manobras !

Em vésperas da nova matança o, imperialismo, tanta realidade pretende dar ás manobras navais que está jogando, friamente, com a vida dos marinheiros.

As manobras da esquadra ingleza, do Atlantico, tiraram a vida a alguns marinheiros porque se fizeram em pleno temporal... para experimentar a resistencia dos barcos!

As manobras japonezas tiveram efeitos idênticos, chegando a voltar se um destroyer e morrendo quasi toda a sua tripulação!